

Corporeidade feminina: uma visão pós-moderna em mademoiselle chanel, de Maria Adelaide Amaral

Female body: a post-modern vision in mademoiselle chanel, by Maria Adelaide Amaral

DOI:10.34117/bjdv7n9-309

Recebimento dos originais: 20/08/2021

Aceitação para publicação: 20/09/2021

Jéssica Lima e Silva

Mestranda em Literatura – UFPI

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: UFPI. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella Bairro Ininga. Cep: 64.049-550

E-mail: jessicalimaesilva1@gmail.com

Francisco das Chagas Silva de Jesus Hernandez

Mestrando em Literatura – UFPI

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: UFPI. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella Bairro Ininga. Cep: 64.049-550

E-mail: professordjesus.2013@yahoo.com.br

Eliane Ferreira de Araujo Alves

Mestranda em Literatura – UFPI

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: UFPI. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella Bairro Ininga. Cep: 64.049-550

E-mail: elianearaujo94@hotmail.com

Margareth Torres de Alencar Costa

Doutora em Letras: Teoria Literária pela UFPE

Instituição: Professora Dedicção Exclusiiva da UESPI e membro permanente dos Programas de Pós- Graduação da UESPI E UFPI

Endereço: UESPI- Campus Poeta Torquato Neto Bairro Pirajá.

E-mail: margazinha2004@yahoo.com.br

RESUMO

As discussões voltadas para o contexto da pós-modernidade e as mudanças trazidas por este movimento nos diversos espaços socioculturais, econômicos e do saber, refletem socialmente em profusas esferas relacionadas ao indivíduo. Neste contexto, as questões relacionadas à corporeidade feminina, fazem emergir uma série de reflexões acerca destas discussões dentro da sociedade pós-modernista. Baseando-se nestas ponderações, o objetivo deste artigo é analisar de que forma as discussões relacionadas ao corpo feminino se apresentam na obra *Mademoiselle Chanel*, de Maria Adelaide Amaral (2004). Para tal análise, como aporte teórico têm-se Lyotard (2009) e Eagleton (1998) abordando os conceitos de pós-modernidade e suas implicações, Perrot (2007) e Beauvoir (2016)

trazendo as questões históricas voltadas ao corpo feminino e Berger (2006) elencando as complexas contestações relacionadas à corporeidade física da mulher. Notou-se, a partir do estudo aqui realizado que, na obra, a personagem Chanel traz polêmicos temas e argumentos alusivos ao corpo feminino em uma época em que o pós-modernidade já despontava os primeiros movimentos culturais e econômicos.

Palavras-Chave: Pós-Modernismo, Corporeidade Feminina, Mademoiselle Chanel, Maria Adelaide Amaral.

ABSTRACT

Discussions focused on the context of postmodernity and the changes brought about by this movement in the various sociocultural, economic and knowledge spaces reflect socially in profuse spheres related to the individual. In this context, the issues related to female corporeality, give rise to a series of reflections about these discussions within the post-modernist society. Based on these considerations, the aim of this article is to analyze how discussions related to the female body are presented in the work Mademoiselle Chanel, by Maria Adelaide Amaral. For this analysis, as theoretical support, we have Lyotard (2009) and Eagleton (1998) approaching the concepts of post-modernity and its implications, Perrot (2007) and Beauvoir (2016) bringing the historical issues focused on the female body and Berger (2006) listing the complex challenges related to women's physical corporeality. It was noted, based on the study carried out here, that, in the work, the character Chanel brings controversial themes and arguments alluding to the female body at a time when post-modernity was already emerging in the first cultural and economic movements.

Keywords: Postmodernism, Female Corporeality, Mademoiselle Chanel, Maria Adelaide Amaral.

1 INTRODUÇÃO

As discussões voltadas para a corporeidade do indivíduo vêm se tornando significativas dentro da perspectiva de crise da chamada pós-modernidade, como assim é assinalado o momento contemporâneo vivido desde a segunda metade do século XX. São muitos os termos utilizados para denominar estes últimos 50 anos. Autores como Bauman, Jameson, Baudrillard e Vattimo, tentaram conceituar este movimento se apoiando na ideia de que nos encontramos em um momento de transformações e rupturas em diversos aspectos sociais, econômicos e culturais. E imerso nesta concepção, viu-se a importância de estudar e analisar, especificamente, as questões da corporeidade feminina como um dos aspectos em constante transformação. Uma vez que a mulher possivelmente é mais acometida pelas consequências dessas mutações do que as figuras do sexo masculino.

Analisando os acontecimentos históricos, vemos que o corpo feminino já foi e ainda é considerado assunto tabu quando relacionado a paradigmas e convenções sociais.

As discussões relacionadas ao corpo feminino e a temas como beleza, magreza e velhice permeiam vários estudos antropológicos, sociológicos e científicos que trazem a tona movimentos coletivos, como o movimento feminista. Diante de tais ponderações, o objetivo deste artigo é analisar de que forma os tópicos relacionados ao corpo feminino são representados na obra *Mademoiselle Chanel*, de Maria Adelaide Amaral (2004). A saber, a obra se trata de uma (auto) biografia da estilista Chanel (1883-1971), que vivenciou o período de início das metamorfoses e rupturas ocorrentes na gênese das discussões sobre a pós-modernidade.

Para alcançar o objetivo aqui proposto, têm-se como aporte teórico Lyotard (2009) e Eagleton (1998) abordando os conceitos de pós-modernidade e suas implicações, Perrot (2007) e Beauvoir (2016) trazendo as questões históricas voltadas ao corpo feminino e Berger (2006) elencando as complexas contestações relacionadas à corporeidade física da mulher.

2 CORPO FEMININO E PÓS-MODERNIDADE EM MADEMOISELLE CHANEL, DE MARIA ADELAIDE AMARAL

As discussões voltadas para o contexto da pós-modernidade e as mudanças trazidas por este movimento nos diversos espaços socioculturais, econômicos e do saber, teve como uma de suas primeiras referências, a obra de Lyotard, *A condição pós-moderna*, ainda na década de 1970. A ideia do escritor era trazer uma reflexão em relação às condições que os indivíduos estavam vivenciando a partir da segunda metade do século XX. À medida que o movimento acontecia, os conceitos de pós-modernismo e pós-modernidade eram discutidos por diversas vozes, olhares e perspectivas diferentes. Os pensadores e escritores traziam em suas obras ponderações e pensamentos empíricos e teóricos na tentativa de “organizar” toda a avassaladora onda pós-moderna.

Como um dos autores que procurou conceituar e diferenciar os cenários da pós-modernidade, Terry Eagleton (1998) esclarece:

A palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas da verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação (EAGLETON, 1998, n.p)

O filósofo, a partir da perspectiva marxista, complementa o conceito de pós-modernismo como um estilo cultural no qual “as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional e a política clássica de classes, e cede terreno a uma série difusa de “políticas de identidade” (EAGLETON, 1998, n.p). Se tratam de mudanças pluralistas, que confundem as barreiras entre “a cultura elitista e a cultura popular” (EAGLETON, 1998, n.p).

Anos antes, o escritor e filósofo Marshall Berman (1982) também se ocupou em assimilar e reedificar a visão relacionada à vida moderna de acordo com Marx, afirmando que:

O pensamento atual sobre a modernidade se divide em dois compartimentos distintos, hermeticamente lacrados um em relação ao outro: modernização em economia e política, “modernismo” em arte, cultura e sensibilidade (BERMAN, 1982, p. 86).

Berman (1982) comenta que através da perspectiva marxista, o dualismo modernista faz menos sentido e caracteriza o momento com a célebre frase: “Tudo o que é sólido desmancha no ar”, traduzindo a forma como o filósofo e economista Karl Marx descreveu a “moderna sociedade burguesa” (BERMAN, 1982, p. 87).

Já a visão de Gianni Vattimo (1996) sobre o pós-modernismo evoca os pensamentos de Nietzsche e Heidegger no que tange a construção da herança do pensamento europeu. O autor afirma que:

Do ponto de vista de Nietzsche e Heidegger, que podemos considerar comum, [...], a modernidade pode caracterizar-se, de fato, por ser dominada pela ideia da história do pensamento como uma “iluminação” progressiva que se desenvolve com base na apropriação e na reapropriação cada vez mais plena dos “fundamentos”, que frequentemente são pensados também como as “origens” [...] (VATTIMO, 1996, p. 6).

O autor afirma também que o prefixo “pós” do termo pós-moderno aponta para uma “despedida da modernidade” ao passo que tenta escapar das lógicas de desenvolvimento, ou seja, quando tenta fugir e superar a ideia de uma nova fundação. Vattimo (1996) explica que o pós-moderno se qualifica não apenas como uma novidade em relação ao moderno, mas também como uma “dissolução da categoria do novo, como experiência de fim da história” (VATTIMO, 1996, p. 9).

A partir de uma visão mais contemporânea e mais globalizada, o brasileiro Octavio Ianni (2003) discute acerca de como os enigmas da “modernidade-mundo” são complexos e como se desenvolvem no tempo e espaço. O autor afirma que o mundo

moderno está contemplado de um “movimento, simultaneamente múltiplo e problemático” (IANNI, 2003, p. 9). O estudioso comenta também que o dualismo do modernismo corresponde:

[...] ao que supõe ser o padrão mais desenvolvido, avançado, contemporâneo, conspícuo. Simultaneamente, a modernidade pode ter algo a ver com democracia e tirania, elite e massa, povo e cidadania, alienação e emancipação, reforma e evolução ou capitalismo e socialismo.[...] Em todos os casos, a modernidade envolve algo de secularização, urbanização, industrialização, individualização, liberação (IANNI, 2003, p. 61).

A partir dos pensamentos citados acima, pode-se perceber o entrelaçamento dos termos “moderno” e “pós-moderno” no sentido de ruptura. Alguns autores consideram o pós-moderno como uma continuação à modernidade, já outros estudiosos se utilizam de distintos termos e conceitos, por exemplo, “hipermodernidade” e “modernidade tardia” para explicar este período de metamorfoses. O estudioso Olinto (1996) concorda que o surgimento do termo pós-moderno induz a interpretações de mudanças e que talvez a escolha deste termo possa ser equivocada, já que:

A própria modernidade do século XX enfatizou e propagou máximas pluralistas [...] Mas enquanto, então, se tratava de projetos utópicos, esses desejos hoje assumiram forma perceptível em todos os domínios da realidade. Em outras palavras, o pós-moderno, na verdade, é radicalmente moderno e não pós-moderno (OLINTO, 1996, p. 42).

Heidrun Olinto (1996) afirma ainda que nesta visão, a “modernidade pós-moderna” se mostra como “pós-moderna no sentido temporal, não quando comparada com a modernidade do século XX, mas apenas quando confrontada com a modernidade mais antiga no sentido de *Neuzeit* (Tempos Modernos)” (OLINTO, 1996, p. 42).

Baseando-se em uma perspectiva racional, Mendes (2021) em seu estudo introdutório ao conceito de pós-modernidade, diz que no debate pós-moderno a ideia de progresso é solidificada a partir das concepções do iluminismo no que tange a emancipação. A ideia era a criação de uma “humanidade emancipada” (MENDES, 2021, p. 167). Para que ocorresse esta emancipação, era preciso que a sociedade rompesse com as barreiras medievais para que se fizesse o conhecimento. “Neste contexto a razão é exaltada como uma deusa, caminho seguro para a humanidade atingir sua emancipação. Por isso a educação será prioridade para os pensadores iluministas” (MENDES, p. 168). E é sob esta perspectiva, que Lyotard (2009) inicia suas ponderações acerca do campo do saber.

Dentre os diversos olhares aqui apresentados, a noção de que simultaneamente às mudanças e transformações desencadeadas pelo pós-modernismo, a inversão social de valores éticos e tradicionais é uma face deste movimento que tem seu espaço nas discussões. Mendes (2021) chega a afirmar que neste contexto:

O importante é experimentar sensações prazerosas, transitando nas diversas possibilidades de vivenciar o prazer, tudo isso feito sem nenhum compromisso, constrangimento ou sentimento de culpa, uma vez que os valores éticos tradicionais, como: fidelidade, respeito, sacrifício, compromisso, entre outros, perderam seu sentido na pós-modernidade (MENDES, 2021, p. 171).

A partir destas discussões e na tentativa de compreender de que forma tangível a pós-modernidade influenciou as diversas áreas da vida social, o fragmento de pesquisa aqui apresentado tem como finalidade, teorizar e discutir, a partir do livro *Mademoiselle Chanel* (2004), autoria de Maria Adelaide Amaral, de que forma são retratadas as questões relacionadas ao culto pelo corpo físico feminino na obra, diante da perspectiva pós-modernista. Para tanto, tentaremos compreender de que forma o corpo feminino se posiciona neste movimento e como a sociedade pós-moderna impõe que as mulheres se comportem em relação a ele. Como Berger (2006) afirma, “O corpo da modernidade é espaço de coerção, de controle externo e interno, de adequação a padrões estanques de beleza e juventude” (BERGER, 2006, p. 56).

Iniciaremos com uma breve explanação acerca da importância histórica do corpo e suas relações com a beleza. Corroborando com as ponderações de Arthur Marwick (1988) em seu livro “*Beauty in history*”, os estudiosos Alves, Barros, Schroeder (2013, p.235), defendem a proposição de que “a história da beleza poderia ser pensada do seguinte modo: concepção tradicional versus concepção moderna”. De acordo com esta ideia, o modelo tradicional seria predominante até o século XVII, “no qual a principal característica reside em não separar a beleza física e as virtudes morais” (2013, p. 236). Em se tratando de mulher, a beleza corporal estaria associada aos seus valores éticos e morais e não em suas características físicas.

Alves, Barros, Schroeder (2013, p. 236) ainda de acordo com as ideias de Marwick (1988) afirmam que esta ideia de beleza corporal associada à questão moral, progressivamente, perde seu valor em nome do movimento de modernidade, “que passa a definir a beleza como algo corporal estritamente ligado aos aspectos físicos, estéticos e sexuais”. Se nos guiarmos por estes argumentos, podemos definir que o culto ao corpo é resultado da modernidade.

Em contrapartida, Gilles Lipovetsky (2000, p. 122) afirma que a idolatria ao corpo e ao belo é uma concepção da Renascença, precedente à modernidade. O autor discorda que a associação do culto à beleza possa se limitar ao sentido histórico modernista e afirma que:

A beleza não entra na era moderna quando aparece como uma propriedade física pura, aliviada de significação moral, mas sim no momento em que a mulher é posta nas nuvens da encarnação suprema da beleza (LIPOVETSKY, 2000, p. 122)

O que se pode compreender desta discussão é que as questões relacionadas à beleza do corpo físico diante da pós-modernidade não estão de fato ligadas a qualquer corpo, mas sim em específico ao corpo feminino. Sobre estas questões relacionadas a corpo e história, Mirela Berger (2006) em sua tese de doutorado intitulada *Corpo e identidade feminina*, afirma que:

Podemos voltar infinitamente na história, seja qual for o tema, e talvez mais ainda no tocante a algo tão intrínseco a nós, como o corpo. Mas parece ser um consenso na literatura especializada que um ponto de ruptura central para a compreensão do tema é a modernidade, uma vez que a ascensão do ideário e costumes burgueses marcam uma profunda transformação nas relações com o corpo (BERGER, 2006, p. 46).

A ideia de estudar o corpo dentro do processo histórico é basilar. Na medida em que se pode compreender as transformações dos discursos e dos valores voltados à corporeidade ao longo da história, pode-se comparar e analisar de que forma e através de quais contextos a estrutura física corporal teve maior ou menor relevância. Apresentando este tema como uma das seções de seu livro *Minha história das mulheres*, Michelle Perrot (2007) afirma que o corpo feminino:

[...] tem uma história física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente. E a diferença dos sexos que marca os corpos ocupa uma posição central nessa história (PERROT, 2007, p. 40).

Trazendo as relações entre corpo feminino e beleza, e em como as transformações históricas influenciaram a maneira como a aparência é percebida, Perrot (2007, p. 49) diz que a mulher é considerada, antes de tudo, “uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências”.

Traçando uma linha do tempo, Michelle Perrot (2007, p. 50) diz que durante a Idade Média, a instituição do casamento exigia a beleza e a linhagem da família como

capital de troca, “uma troca desigual em que o homem se reserva o papel de sedutor ativo, enquanto sua parceira deve contentar-se em ser o objeto de sedução.” Sobre isto, Berger (2006, p. 55) diz que:

[...] uma nova sensibilidade a respeito do corpo e da nudez terá início nos últimos séculos da Idade Média [...], e levará a formas de controle que, cada vez mais, vão ser interiorizadas nos indivíduos e vão alcançar sua plenitude no século XXI, quando o corpo será inscrito na nova lógica do culto ao corpo perfeito [...], aprisionado em rígidos padrões estéticos (BERGER, 2006, p.55).

Já na Renascença, a ideia de beleza para mulheres e força para os homens era cultura e até o século XIX, observa-se a valorização da parte superior do corpo, como rosto e depois o busto, havendo pouco interesse pelas pernas. Com a Moda acompanhando e por vezes ditando estes movimentos, o olhar se volta para a parte inferior, os vestidos se ajustam à cintura e as bainhas se encurtam e descobrem os tornozelos (PERROT, 2007, p. 50). Não há dúvidas de que a Moda foi e continua sendo uma grande aliada nas metamorfoses da beleza e do corpo, em especial, relacionados às mulheres. “[...] daí a importância da moda, que, num misto de prazer e tirania, transforma modelando as aparências.”

Já no final do século XIX, as pernas são o foco do momento e a busca obsessiva pela magreza trazida pelas propagandas publicitárias fazia referência aos formatos e curvas longilíneas. Mas, nos anos de 1900 tudo muda, os padrões de “bela mulher” se transformam e o gosto pelas formas arredondadas vira a fixação do momento. Perrot (2007, p. 50) diz, “as feias caem em desgraça, até que o século XX as resgate: todas as mulheres podem ser belas”.

As propagandas publicitárias e as revistas femininas foram (e são) consideradas propulsoras de todo o comportamento estético de uma época. As maquiagens e cosméticos, a moda vigente, as grandes personalidades e modelos pregavam que a estética é uma ética e que em suma, ninguém tinha o direito de ser feia (PERROT, 2007, p.50). Outra característica relevante do corpo feminino, o cabelo, se tornou marca de feminilidade, beleza e nas décadas de 1920 e 1930, cortá-los tal qual os dos homens, foi um símbolo político, sinalizou uma período de lutas pela emancipação do corpo feminino, significava “nova mulher, nova feminilidade” (PERROT, 2007, p. 61). Este período pós-guerra afirmou muitas tendências: “a juventude, a modernidade, a vontade de se emancipar das modas de outrora, do mundo de antes da guerra, morto para elas. [...] De liberação sexual [...] o delineamento de uma silhueta andrógina” (PERROT, 2007, p. 60).

Corroborando com a importância das propagandas publicitárias para as mudanças relacionadas ao corpo feminino e a beleza física, Alves, Barros e Schroeder (2013, p. 238) discutiram o pensamento do estudioso Lipovetsky (2000):

Para esse filósofo, a condição privilegiada da beleza feminina e sua identificação com o “belo sexo”, ficam evidentes através da publicidade, concursos de beleza, produtos cosméticos, revistas, linguagens, músicas, moda, manequins, olhares masculinos e, também, pelo próprio desejo das mulheres (ALVES; BARROS; SCHROEDER, 2013, p. 238).

Ainda de acordo com os autores citados acima, estas ferramentas privilegiadas pela publicidade, não cessam a reprodução da importância da estética para a construção identitária feminina (ALVES; BARROS; SCHROEDER, 2013, p. 238). A ação da mídia tem o objetivo de determinar o padrão estético corporal aceitável e o padrão corporal inaceitável. E de acordo Gilles Lipovetsky (2000, p. 135) a mídia é uma grande influenciadora e ditadora dos padrões estéticos físicos, mas não é a única. O autor afirma que o fenômeno estético está diretamente relacionado às políticas mercantis, industriais e de consumo que veem o corpo como um investimento pertencente a um novo mercado com diversas ramificações.

Sobre esta cultura de consumo, Mendes (2021, p. 174) diz que se trata de um sintoma do pós-modernismo e que:

As novas linguagens da TV e dos meios de comunicação eletrônicos são fatores determinantes na produção do desejo em tal cultura. [...] o consumo possui foco na produção de necessidades e desejos. Tudo é mercantilizado e esse processo é constantemente reforçado pelos anúncios da TV (MENDES, 2021, p. 174).

A imprensa, por meio de seus constantes preceitos estéticos, “estaria desempenhando uma verdadeira vigilância dos corpos, executando coerções microfísicas para quem estivesse fora do padrão de corpo ideal”, normalizando assim, as aparências voltadas para a tríade magreza/juventude/beleza. Em resumo, contemporaneamente, a imprensa e a publicidade se tornaram uma empresa que tem como objetivo a “disciplinarização dos corpos, por meio de suas ferramentas tecnológicas de exercício de poder” (MENDES, 2021, p. 241).

De certo, o advento do pós-modernismo, traz aspectos influenciados por ideais já acontecidos no modernismo. Já na década de 1920, o primeiro aspecto de beleza que é enfocado é a juventude. “Os anos 1920 darão início ao banimento da mulher velha” (BERGER, 2006, p. 79). A modernidade marca o culto à jovialidade e a magreza:

Ser magra era ter mais liberdade de agir e de movimentar-se, [...] começa-se a pensar o corpo em si mesmo, o próprio ritmo da vida moderna e a possibilidade de sair às ruas farão com que a mulher deseje manter uma forma física que se baste por si só, que não tenha que ser contida por mecanismos externos (BERGER, 2006, p.79).

Como já foi dito e defendido por alguns autores e estudiosos, a concepção de que o pós-modernismo se trata de uma continuação do modernismo pode ser evidenciada por meio de alguns ideais relacionados ao corpo, ideais estes que tomaram proporções indefiníveis: não há limites para entrar no padrão estético vigente. O culto incondicional à beleza, à magreza e à juventude, engradece e alimenta a indústria midiática que produz cada vez mais ferramentas e artifícios na promessa de que só através do corpo perfeito, poderá se ter uma vida perfeita. É como Vinícius de Moraes cita em seu poema *Receitas de Mulher* (1959): “As muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”.

Como exemplo, diante destas questões teóricas apresentadas acima, a célebre estilista francesa Coco Chanel (1883 - 1971) teve sua trajetória de vida muito influenciada pelas transformações do contexto histórico do modernismo e do pós-modernismo. É por meio da narrativa biográfica de suas vivências contadas a partir de memórias autobiográficas, que se compõe a obra *Mademoiselle Chanel* (2004), objeto de estudo da pesquisa aqui apresentada, que faremos uma análise das questões voltadas para o contexto estético corporal discutido pela representação de Chanel na obra.

Coco Chanel foi a estilista criadora de uma das maiores marcas de Moda do mundo: Chanel. Ficou muito famosa por suas criações voltadas para a indumentária feminina, mas também por defender a autonomia da mulher e de seu corpo. Através das mudanças e inovações nos padrões das vestes da época, a estilista permitiu o poder de escolha e independência física sobre o próprio corpo. Contudo, por trás de tantas lutas e subversões, Chanel era uma mulher que também sofria com a objetificação cultural do corpo feminino, criada a partir do sistema de percepção patriarcal da época, que forçavam as mulheres a olharem para si mesmas como mero objeto estético.

Na obra *Mademoiselle Chanel*, que se trata de uma peça teatral, a estilista Chanel é representada como uma idosa, ainda atuante na profissão, que traz à luz sua trajetória de vida, suas dores e angústias, entre elas a insatisfação com a velhice e com o corpo:

Chanel - Envelheci... (olha-se longamente) O que me salva da decrepitude é este olhar desesperado e faminto... (olha para o rosto) Meu olhar é opaco, minha boca é apenas um traço, uma fenda... (olha para seu corpo) O meu corpo...! Seco como uma videira estéril... (respira longamente) A dureza do espelho me devolve minha própria dureza... (AMARAL, 2004, p. 14).

Nesta obra, são mostradas as perspectivas de uma mulher da terceira idade apresentadas por meio de discursos sobre sua vida, sobre seu corpo, sua sexualidade e sobre suas relações sociais em uma época de transição em que a conjuntura de reflexões sobre os principais paradigmas relacionados à vida, são questionados e transmutados. A partir destas transformações, as discussões pertinentes ao corpo feminino vêm ganhando visibilidade, no que diz respeito ao individualismo e às questões narcisistas. Mas quando se trata das relações da beleza do corpo feminino no processo de envelhecimento, as discussões parecem contraditórias, uma vez que a beleza é culturalmente designada aos jovens.

No decorrer do século XX, a conquista por um corpo belo e saudável se torna um objetivo individual. O corpo passa a ser considerado um bem precioso e com o aumento crescente dos procedimentos de beleza, dos cosméticos, os avanços da medicina estética e o apelo à vida saudável, a mulher consegue delinear como será sua estrutura física ao chegar na velhice. A personagem Chanel discorre sobre isto quando diz que:

E eu?... Ainda era bonita aos 50, agora não sei mais... (caminha para o espelho)
A natureza nos dá o rosto aos 20. A vida modela aos 30, mas temos que merecer o rosto dos 50...! Aos 50 anos, uma mulher é responsável pelo seu rosto!
(AMARAL, 2004, p. 51).

Na contemporaneidade, o corpo personalizável é um projeto em que o indivíduo expõe suas ideias e é mais do que um objeto de desejo, é um fator importante para as relações sociais. Por causa disso, muitos idosos, em especial as mulheres, tentam disfarçar sua condição etária, por meio de cirurgias plásticas, uso de procedimentos estéticos, remédios e exercícios físicos e até mesmo através da Moda, para se sentirem jovens e belos. A personagem Chanel, de *Mademoiselle Chanel* (2004), mostra como se tornar mais jovem através das vestimentas: “Vocês ficam tão jovens vestidas de branco... Quando uma mulher envelhece, devia se vestir sempre de branco... O branco apaga tudo...” (AMARAL, 2004, p. 40). Quanto a isto, a personagem Chanel também comenta sobre o porquê de sempre estar vestida de preto: “O preto realça como nenhuma outra cor a beleza da mulher! O preto é simples, o preto é chique!”.

Outro ponto que se pode retratar sobre o corpo e suas relações com a velhice, dentro da pós-modernidade, são as proposições que tangem ao desejo e a vida sexual. Tratando destas questões, Simone de Beauvoir (2016) diz que:

Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua própria existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, provada de todo futuro, cerca da metade de sua vida adulta (BEAUVOIR, 2016, p. 385).

E sobre as questões relacionadas ao desejo, a autora afirma ainda que:

[...], é geralmente por volta dos 35 anos que a mulher, tendo enfim superado todas as suas inibições atinge sua plena maturidade erótica: é então que seus desejos são mais violentos e que ela deseja ardentemente satisfazê-lo; muito mais do que o homem, ela apostou nos valores sexuais que detém (BEAUVOIR, 2016, p. 386).

Em se tratando destes assuntos relacionados ao desejo na velhice, a personagem Chanel expressa seus impulsos eróticos, como se vê seguinte trecho da obra: “Eu ainda sonho com o corpo suntuoso de Boy... a idade ainda não secou meu desejo, madame.” (AMARAL, 2004, p. 30).

Outro momento em que se pode notar a presença do desejo na personagem idosa é quando ela comenta:

Os olhos verdes, os cabelos escuros sempre em desalinho, a camisa entreaberta no peito... (coloca a mão no seu peito, sensual) Eu nunca tinha sentido nada semelhante por outro homem... (AMARAL, 2004, p. 24).

Diante disto, vê-se que a personagem Chanel vai de encontro com a ideia de que o idoso é assexuado, desprovido de desejos e de vida sexual. Este mito de que o erotismo na terceira idade é nulo, com o movimento do pós-modernismo, também vem sendo revisto e de acordo com estes novos discursos, se dá a ocorrência da ruptura onde a atividade sexual na velhice se sobrepõe à falta dela e se torna questão central e como parte das prescrições de profissionais para se alcançar um envelhecimento bem-sucedido e saudável. É o que afirmam Henning e Debert (2015, p. 15) quando dizem: “os velhos precisam ou devem fazer sexo para que alcancem uma vida plena e positiva”.

Trazendo à luz as mulheres neste processo, os autores afirmam também que a defesa de uma atividade sexual na velhice acontece por meio de questionamentos às regras morais mais circunscritas com a finalidade de afastar o corpo feminino do “olhar controlador da sociedade sobre a sexualidade feminina, para que dessa maneira elas possam assumir abertamente o seu interesse pelo sexo” (DEBERT; HENNING, 2015, p. 16). A estilista Chanel, como em outras obras em que é representada, é refletida no livro

Mademoiselle Chanel (2004), já na década de 1960, como insubordinada às regras sociais ditadas à sua época, inclusive às que predizem de que forma deve-se portar sexualmente em relação a uma fase cronológica. Chanel tratava dessas questões relacionadas ao corpo e a sexualidade como se a idade e o gênero não tivessem influência dentro das convenções sociais e durante toda sua trajetória de vida teve diversos relacionamentos amorosos, mesmo sendo julgada por vezes por causa de sua idade: “Eu tinha 60 anos, ainda era muito cedo para dizer adeus ao amor” (AMARAL, 2004, p. 55).

Na terceira idade, o declínio físico é progressivo. E como já foi dito, os padrões estéticos jovens, sem marcas de expressão cutânea, magreza e zero flacidez, trazem à tona a forma como a publicidade representa a questão estética social. A mulher idosa vê seu corpo envelhecido neste cenário, de forma negativa, depreciativa e não correspondente às expectativas sociais. E quando se trata das relações amorosas e sexuais, a forma como o (a) parceiro (a) a vê se torna um quesito importante nos julgamentos que elas mesmas fazem sobre o próprio corpo.

Outro pilar importante tratado através da personagem Chanel na obra aqui estudada é a questão da morte, que também sofreu ressignificações com o movimento pós-modernista. De acordo com Franco (2007, p. 110):

A palavra de ordem é controle: sobre a vida, sobre as características fenotípicas do ser humano, sobre as doenças, a beleza, as reações emocionais, enfim, controle sobre o amanhã. Essa necessidade advém da volatilidade e da fragmentação do mundo, realidades pós-modernas (FRANCO, 2007, p.110).

A autora afirma ainda que é deste modo que a sociedade tenta reprimir suas angústias e incertezas sobre a morte e a figura do idoso é um “retrato da finitude humana” (FRANCO, 2007, p. 111). “A consciência de morte traz a contagem regressiva do tempo” se tornando, portanto, adversária da vida. E para prolongar esta vida, ou pelo menos a aparência de vida, o corpo é cuidado, exercitado, tratado e medicado.

A morte enquanto significado, na atualidade e em determinadas culturas, tornou-se um conceito abordado de forma sofreada e tratado como assunto sombrio, como tabu. E é fazendo uma associação entre o perecimento e os artifícios utilizados para revertê-lo, que a personagem Chanel trata as relações entre velhice e morte, quando diz: “[...] Não é que eu esteja planejando morrer nos próximos dias, mas na minha idade a gente deve tomar certas precauções” (AMARAL, 2004, p. 15). Pode-se notar que provavelmente a morte seja o motivo impulsionante para que Chanel viva o presente, a sensação de vida

concreta, a ideia de que “só se vive uma vez”. É como se somente a consciência de finitude nos possibilitasse a continuidade do real (FRANCO, 2007, p. 118).

Outra hipótese dessa consciência sobre a morte, traz à luz a possibilidade de que seja por esta aceitação da finitude que Chanel se desapega do perfeito e das regras impostas socialmente. Isto pode ser visto, quando a personagem Chanel diz:

Eu não tenho nenhum problema com a morte, madame! [...] Mas ainda gosto da vida, estou velha, mas ainda não desisti! Cuido do meu corpo e da minha elegância! Eu sempre me concedi o melhor! (AMARAL, 2004, p. 16).

Mas a tentativa de se manter imortal permanece. No caso da personagem Chanel, essa imortalidade não tem haver com o corpo, mas sim com o legado de seu trabalho: “O reinado de Chanel vai sobreviver a mim e continuar muitos anos após a minha morte! (Tempo) é claro que isso me conforta... é uma espécie de imortalidade...” (AMARAL, 2004, p. 21). Para a estilista, o trabalho e o conhecimento, paradigmas constantemente discutidos na pós-modernidade, são de suma relevância frente às questões estéticas, isto pode ser verificado também quando a personagem comenta:

Eu sempre quis a minha independência e estava certa, madame. Sabia que a beleza pode ser um grande trunfo, mas também é uma grande cilada para a mulher! Eu preferi ser reconhecida pelo meu talento. E fui! (AMARAL, 2004, p. 21).

Em face das questões empíricas e teóricas apontadas, pôde-se perceber que as questões relacionadas ao corpo feminino na obra *Mademoiselle Chanel*, de Maria Adelaide Amaral (2004), trouxeram à tona grandes temas em transição na pós-modernidade. Abordando a relação corpo e beleza, notou-se que o padrão estético da corporeidade feminina passou por diversas metamorfoses e que esse processo está ligado aos eventos históricos desencadeados no mundo. A tríade juventude/magreza/beleza tomou novas proporções com o advento do pós-modernismo que se reveza entre mudanças de paradigmas e afirmação das regras sociais já existentes. Em se tratando de tais regras, Chanel, a estilista representada no livro, é considerada uma transgressora dos preceitos patriarcais da época em que viveu, o que refletiu diretamente na sua (auto) biografia aqui apresentada. A personagem principal da obra, *Mademoiselle Chanel*, trata a sua velhice como um processo da vida e a narra por meio de seus relacionamentos amorosos, da construção de sua carreira e da edificação de seu legado.

Abordando as conexões entre corpo e relações sexuais, viu-se que o desejo na velhice é um dos pilares que sofreu mutações entre os períodos modernos e pós-modernos. A regra social anterior predizia que para cada idade e fase cronológica da vida, normas sociais são impostas e no caso da terceira idade, as diretrizes preconizavam que a vida sexual do idoso é nula. Com o movimento da pós-modernidade, a ideia de se construir uma “vida eterna” trouxe benefícios para a saúde do idoso e especialistas da área afirmam que o sexo é primordial para uma vida saudável, erradicando a ideia de que velhice, desejo e vida sexual se contradizem. Estas constatações foram feitas, a partir de trechos da obra aqui analisada, demonstrando que tais questões relacionadas à atividade sexual na terceira idade, são ainda mais questionadas quando se trata do desejo feminino.

Como último ponto trazido para análise da corporeidade na obra *Mademoiselle Chanel*, citamos as concepções da morte. Dentro da pós-modernidade a morte é vista como uma oposição a vida e como uma não consequência de todos os artifícios que são utilizados para a ilusão de vida infinda. A partir do estudo de trechos da obra, pode-se notar que a personagem Chanel não tratava o fenecimento como um tabu e sim como algo inevitável. Para ela, a morte levaria seu corpo, mas não seu legado e as possíveis associações do envelhecimento com o falecimento se esvai diante de sua trajetória de vida e de sucesso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face das questões empíricas e teóricas apontadas infere-se que, na obra *Mademoiselle Chanel*, a vida da estilista é narrada por Maria Adelaide Amaral, entre diversos aspectos, sob o olhar pós-modernista. As questões trazidas pela autora tratam do corpo com enfoque nas temáticas relacionadas à beleza, ao envelhecimento, às relações sexuais, ao desejo e à morte.

Chanel tem sua vida como exemplo para o estudo de tais tópicos por ser inovadora nestes assuntos na época de transição em que vivia e porque sua influência nos estudos relacionados à Moda e a libertação do corpo feminino é de suma importância para as investigações voltadas para tais lacunas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio L.; BARROS, Eduardo P.; SCHROEDER, Tânia M. R. **Discursos e representações sobre o corpo feminino e beleza no contexto da pós-modernidade**. OPSIS, Catalão, v. 13, ed. 2, p. 233-247, dezembro 2013. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrJ7F9I6u5ggosAPFDz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1626299081/RO=10/RU=https%3a%2f%2frevistas.ufg.br%2fOpis%2farticle%2fdownload%2f20986%2f15917/RK=2/RS=vsrK1nVp0ovdBED.tRwsbpr9rh4-. Acesso em: 7 jul. 2021;

AMARAL, Maria. **Mademoiselle Chanel**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2004;

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 559 p. v. 2

BERGER, Mirela. **Corpo e Identidade Feminina**. Orientador: Renato da Silva Queiroz. 2006. 312 f. Tese (Doutorado em Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=A2KLfRIJ7O5gPywAFhHz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzIEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1626299594/RO=10/RU=http%3a%2f%2fmirelaberger.com.br%2fmirela%2fdownload%2fsemana_cs_sessao_tematica.pdf/RK=2/RS=opnAcV9FReV1WtABwQsxnTC2vPQ-. Acesso em: 7 jul. 2021;

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. 1. ed. São Paulo: Schwarcz, 1982. 347 p. Disponível em: <https://wikilivros.com/livros/tudo-que-e-solido-desmancha-no-ar-marshall-berman/baixar-pdf>. Acesso em: 9 jul. 2021;

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. São Paulo: Zahar, 1998. 144 p. E-book. ISBN-10: 8571104638. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-as-ilusoes-do-pos-modernismo-terry-eagleton-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 7 jul. 2021;

FRANCO, Clarissa de. **A crise criativa no morrer: A morte passa apressada na pós-modernidade**. Kairós, São Paulo, v. 1, ed. 10, p. 109-120, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2577>. Acesso em: 8 jul. 2021;

HENNING, Carlos Eduardo; DEBERT, Guita Grin. **Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas**. Ed. SESC, Local: São Paulo, Vol. 26, n. 63, 2015, pp. 8-31. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=A2KLfRkH8u5gjE8AOCzz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1626301063/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.sescsp.org.br%2ffiles%2fartigo%2f6504a33a-ddc8-4efd-92e1-c1914a62f088.pdf/RK=2/RS=IZGI27CQTO6qf7_HpivUysFJErM-. Acesso em: 8 jul. 2021;

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 319 p. Disponível em: https://www.academia.edu/25031592/Enigmas_da_Modernidade_Mundo_Octavio_Ianni. Acesso em: 10 jul. 2021;

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 131 p. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrJ6y40.u5gixsAB8rz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzYEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1626303156/RO=10/RU=https%3a%2f%2fb aixardoc.com%2fpreview%2flyotard-jean-franois-a-condicao-pos-moderna-5c2fc24c29060/RK=2/RS=bxYwtZz9YNUYMqOQ6uM56a2bZaE-. Acesso em: 9 jul. 2021;

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2000;

MENDES, J. R. S. **Uma breve introdução ao conceito de pós-modernidade**. *Kairós*, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 163–177, 2021. Disponível em: <https://ojs.caticadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/55>. Acesso em: 10 jul. 2021;

OLINTO, Heidrun. **Reflexões sobre uma falsa dicotomia: moderno/pós-moderno**. *Travessia*, Santa Catarina, ed. 31, p. 39-63, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/16836/15415>. Acesso em: 10 jul. 2021;

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007. 187 p. Disponível em: https://www.academia.edu/27869340/310564251_Minha_Historia_Das_Mulheres_Michelle_Perrot_pdf. Acesso em: 6 jul. 2021;

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 208 p. Disponível em: <https://b-ok.lat/book/2778336/72ec2b>. Acesso em: 10 jul. 2021;